

LORNA COOK

*Prémios Melhor Nova Autora e Melhor Romance de Estreia
da Romantic Novelists' Association*

A VILA ESQUECIDA

*Numa vila abandonada em tempo de guerra,
uma estranha fotografia guarda uma história
que ninguém quer contar.*



TOP
SEL
LER

Para o Stephen.

Obrigada por fazeres tudo e por seres tudo.

PRÓLOGO

Tyneham, Dorset, dezembro de 1943

Lady Veronica tremia diante da multidão de mais de duzentas pessoas que se aglomerara na praça da vila. Esperava, angustiada, que nenhuma daquelas pessoas tivesse tido conhecimento dos acontecimentos da noite anterior. Cada um dos habitantes era um rosto familiar e cada um deles olhava com expectativa para ela e para o belo homem que se encontrava ao seu lado e que lhe segurava a mão com tanta força que a estava a magoar. Todos esperavam que ele dissesse alguma coisa; algumas palavras de encorajamento era tudo o que os residentes precisavam para se certificarem de que estavam a tomar a atitude certa. Era um motivo de orgulho: deixariam a vila, cedê-la-iam ao esforço de guerra para que as tropas a usassem para treinos. Era algo que ficaria nos livros de História como um ato de incrível sacrifício pela guerra e pelo seu país.

— Sir Albert? — chamou o vigário, indicando que estava na altura de falar.

O homem ao lado dela anuiu com a cabeça. Avançou alguns passos e Veronica acompanhou-o. Ele apertou-lhe a mão ainda com mais força. Os dedos dela sentiram o grosso anel de ouro que era a aliança dele, e ela estremeceu.

Sentindo-se zozna, levou a mão que tinha livre à nuca e tocou no grande alto que ali se formara. Conseguira lavar a maior parte do sangue — e havia mesmo muito sangue —, mas alguns vestígios do líquido vermelho espesso e escorregadio ainda se vislumbravam nos seus dedos quando os tirou do cabelo. Limpou-os ao tecido preto do vestido. Preto para o luto. Achou apropriado, já que aquele dia marcava a morte da vila.

O homem olhou para ela, apertando-lhe a mão um pouco mais, com um olhar inexpressivo, como se quisesse certificar-se de que Veronica ainda lá estava, como se ainda não acreditasse no que estava a acontecer. E depois olhou novamente para a multidão e dispôs-se a falar.

— Hoje é um dia histórico — começou Sir Albert. — Hoje, todos nós, o povo de Tyneham, sacrificamos a nossa vila em prol da nação, em prol da guerra. Partimos, não para sempre, mas até que esta guerra seja vencida. Partimos juntos, unidos na nossa separação, unidos no nosso deslocamento. Esta guerra só será vencida por boas ações levadas a cabo por boas pessoas. Não estão sozinhos neste sacrifício da vossa casa e do vosso sustento. Cada rendeiro, cada comerciante, cada homem, cada mulher e cada criança, até mesmo nós, os moradores da Casa Tyneham, estamos todos juntos neste projeto. E, quando vencermos esta guerra, voltaremos juntos.

O seu curto discurso foi recebido por uma imensidão de rostos resignados, mas os aplausos ouviram-se assim que ele terminou, apesar da tristeza da ocasião. Veronica ficou contente. Sabia que o discurso tinha de ser suficientemente animador para consolar os habitantes e levá-los a abandonar a terra sem oferecer oposição, embora já não houvesse nada que eles pudessem fazer para travar a requisição. Enquanto os residentes de Tyneham se preparavam para reunir os poucos pertences que ainda lhes restavam, Veronica fechou os olhos, revivendo os eventos da noite anterior, vezes e vezes sem conta, até sentir que estava prestes a gritar. Porém, só teria de fingir durante mais alguns minutos. Não guardaria saudades desta vila nem da Casa Tyneham.

Voltaremos juntos, dissera ele. *Não*, pensou Veronica. *Não voltariam. Ela não queria voltar a ver aquele lugar.*

Capítulo 1

Dorset, julho de 2018

Melissa não conseguia perceber o que a levava a fazer uma coisa daquelas. Achara uma boa ideia na altura. Quando leu sobre «A Vila Esquecida» no jornal local, parecera-lhe uma ideia romântica: uma vila perdida no tempo, dramaticamente roubada ao seu povo em 1943 e dada às tropas para se prepararem para o desembarque no Dia D. E agora estava a ser devolvida, em parte, depois de todos estes anos. Aquela vasta extensão de terrenos abandonados, o *pub*, as casas, a igreja, a escola, as lojas e uma infinidade de outros edifícios deveriam ter sido devolvidos assim que a guerra terminou, segundo anunciava o *The Purbeck Times* naquela manhã, mas isso nunca veio a acontecer. Na prática, os habitantes da vila haviam sido enganados. E agora Melissa estava presa num engarrafamento dolorosamente lento, a caminho da grande reabertura da vila de Tyneham, juntamente com pelo menos duzentos outros veículos, todos eles a arrastar-se. Ela não era a única pessoa ansiosa por ver a mais recente atração turística da costa de Dorset, que agora abria as suas portas.

Melissa ajustou a ventoinha do carro, mas apercebeu-se, em desespero, de que já alcançara o nível de arrefecimento máximo. Não estava a surtir qualquer efeito naquele que deveria ser o dia mais quente do ano até ao momento. Talvez fosse por estar simplesmente sentada e imóvel, ou talvez fosse por estar sentada e imóvel sob o insuportável calor de julho. Quando sentiu os óculos de sol deslizarem pelo nariz, tirou-os e arremessou-os contra o banco do passageiro, que estava vazio. Os óculos ressaltaram no assento e embateram na porta, caindo no chão. Melissa

esticou um braço para pegar neles e colocou-os novamente no rosto. O calor estava a deixá-la rabugenta.

— Porque é que isto está a demorar tanto tempo? — perguntou, batendo no volante com a palma da mão.

Para ser sincera, não era o calor, nem mesmo o trânsito, que a estava a irritar. Era mais o facto de o seu namorado, Liam, lhe ter prometido duas semanas românticas em Dorset, quando, na verdade, tinha passado o dia inteiro enfiado até aos joelhos na rebentação ou na contracorrente, ou lá o que raio ele fazia em cima da prancha, remando para alto-mar e, depois, regressando à costa. O que fora feito das férias românticas que lhe haviam sido prometidas? Melissa tinha tentado entender, chegara até a concordar que era maravilhoso que o tempo estivesse tão bom para fazer surf. É claro que ele devia divertir-se. Afinal de contas, Liam pagara tanto pela casa de fim de semana que comprara em Kimmeridge para fugir ao trabalho aborrecido, mas bem remunerado, que tinha no banco. Ele merecia gozar a vida. Porém, Melissa não estava à espera de ficar sozinha todos os dias. Ela experimentara fazer surf com Liam quando eles se tinham conhecido oito meses antes, mas ele não demonstrara qualquer paciência com ela, especialmente quando se tornou óbvio que ela nunca seria capaz de se pôr em pé na prancha, quanto mais aprender a apanhar uma onda. Liam não reclamou quando Melissa sugeriu que ele fosse surfar sozinho. No entanto, achava estranho que ele tivesse ido surfar todos os dias desde que ali haviam chegado.

Naquela manhã, quando perguntara a Liam se podiam fazer alguma coisa juntos, algo turístico, ele simplesmente respondera: «Talvez noutra dia.» Sozinha e entediada, e na enésima caminhada pela minúscula vila de Kimmeridge, Melissa passou pela banca de jornais na esperança de comprar algumas revistas cor-de-rosa para ler enquanto Liam estivesse fora. A mulher por trás do balcão estava a ler a notícia da primeira página do jornal local.

— Já não era sem tempo — disse ela quando Melissa se aproximou do balcão. — É uma vergonha, terem interditado aquilo durante tanto tempo. Aquela gente ainda não pode voltar a viver lá.

— Quem é que não pode voltar? — disse Melissa, por cortesia.

— Os residentes de Tyneham, claro. Antigos residentes, devo dizer. — A mulher bateu com a mão na primeira página. — A vila vai reabrir hoje. — Ela abanou a cabeça. — Depois deste tempo todo. Vai ser bonito de se ver.

A sineta por cima da porta soou quando outro cliente entrou e ficou na fila educadamente atrás de Melissa. E assim, sem pensar muito no assunto, Melissa esticou o braço e tirou do expositor de jornais um exemplar para levar, lendo de relance a manchete: *Vila Esquecida Devolvida*. Pagou as revistas e o jornal e saiu para a rua a fim de ler a notícia principal. Já não estava interessada nas intrigas das celebridades e na roupa estupidamente cara; em vez disso, foi a história de uma vila há muito abandonada que a manteve de olhos cravados na página. Talvez não fosse o tipo de coisa que geralmente fazia nas férias, mas seria alguma coisa para *fazer*.

Munida do jornal e do mapa amarrotado que guardava no portafolhas, Melissa aventurara-se pelo campo na expectativa de passar um dia tranquilo a vaguear pela tal vila esquecida, talvez na companhia de meia dúzia de reformados. Porém, quando finalmente estacionou o carro no parque de estacionamento improvisado para o qual fora direcionada, pensou que aquela viagem a Tyneham talvez tivesse sido um erro. A julgar pelas centenas de carros que ali se encontravam, o local estaria apinhado.

Aquela reabertura era evidentemente um grande acontecimento para os habitantes das localidades em redor. Questionou-se se alguma daquelas pessoas fazia parte do grupo de habitantes que, segundo o jornal, se sentiram roubados todos os dias desde aquele inverno de 1943, quando o Exército requisitara toda a vila, todas as casas e todos os terrenos agrícolas circundantes.

Melissa alinhou-se com os outros turistas ao longo do caminho de cascalho e desceu até junto de um pequeno palco, onde recebeu um folheto e foi calorosamente recebida por um idoso simpático, que envergava o seu colete amarelo fluorescente com grande orgulho. Ela retribuiu-lhe o sorriso quando aceitou o folheto, e ele avançou para a multidão atrás dela, continuando a distribuir os papéis.

Melissa olhou para lá do palco e viu uma grande fita vermelha que estava esticada de um poste com um aspeto novinho em folha para outro igual. Suspirou, percebendo que iria haver um grande evento com música e bailarico antes que pudesse entrar e passar os cinco minutos a que tinha direito dentro da vila, bisbilhotando os poucos edifícios decrepitos que restavam. Depois disso, ir-se-ia embora. Hoje, talvez Liam regressasse cedo da praia e eles pudessem ir jantar fora ou simplesmente sentar-se no jardim da casa e beber um copo de vinho a ver o pôr do sol. Ainda não tinham feito isso uma única vez desde que haviam chegado a Dorset.

Foi afastada dos seus pensamentos quando um homem subiu ao palco. A ruidosa ronda de aplausos que acompanhou a entrada daquele homem estancou-lhe o seu devaneio com o vinho e o pôr do sol.

Melissa deu uma vista de olhos no folheto que lhe tinha sido entregue. *Tyneham será oficialmente reaberta ao público, para visitas durante o dia no período de verão, pelo historiador televisivo Guy Cameron*, lia-se. Ao lado do texto estava uma fotografia a preto-e-branco de Guy Cameron todo sorridente: cabelo castanho despenteado e olhos risonhos. Ela dobrou o folheto e enfiou-o no bolso das calças de ganga, sem ter ficado a saber quem ele realmente era. Aparentemente, seria alguma espécie de celebridade.

Ver programas televisivos sobre História não era decididamente a onda dela, exceto talvez na forma de um drama de época. Chapéus, espartilhos e cavalheiros espadaúdos que entravam e saíam de lagos com as suas camisas brancas seriam muito mais do seu agrado.

Juntando-se aos aplausos para receber Guy Cameron, que subia ao palco, lentamente abriu caminho para sair da multidão e colocou-se de lado, satisfeita por conseguir encontrar algum espaço debaixo daquele calor.

Parecia que aquele historiador fora uma escolha muito popular, já que, na opinião de Melissa, as palmas duraram um bocadinho mais do que deviam. Enquanto ele falava, ela afastou o cabelo da nuca transpirada, fez um rabo de cavalo no alto da cabeça e voltou a empurrar os óculos de sol sobre a cana do nariz.

— Há muitos anos que ouço histórias sobre Tyneham, e sempre me intrigaram — começou ele. — Os antigos habitantes, o que lhes aconteceu? Para onde foram todos? O que fizeram? Como reagiram quando lhes disseram que teriam apenas um mês para fazer as malas e partir, sem saber quando é que lhes seria permitido voltar? Sem saber que não lhes seria permitido voltar. Uma comunidade inteira deslocada... — Ele fez uma pausa durante alguns segundos, e o caráter dramático da frase que acabara de proferir ecoou sobre a multidão fascinada.

Melissa olhou em redor enquanto ele lançava um feitiço sobre a sua plateia.

— A vila foi requisitada na sua totalidade — ele olhou de relance para as suas notas — com a promessa de ser devolvida em tempos de paz. Talvez tivesse sido bom especificarem um pouco melhor no contrato exatamente em que momento dos «tempos de paz» isso viria a ocorrer. — Guy sorriu, e a multidão riu-se entusiasmadamente. Melissa pressionou os lábios, contendo um sorriso.

— Tyneham ocupa um lugar especial no meu coração. — Ele tornou-se melancólico, e o humor da multidão acompanhou o dele. — Fui criado a poucos quilómetros daqui. A minha avó era de Tyneham e encontrava-se aqui quando foi anunciado que ela, os seus amigos, os seus familiares e os seus patrões teriam todos de partir. Ouvi o seu relato em primeira mão sobre aquilo que sentiu então. Porém, para cada uma daquelas pessoas, a experiência foi diferente. Sempre pensei que a união de uma comunidade que estava a ser despedaçada era tragicamente irónica.

» Mas agora podemos ver a vila novamente; não como ela era então, mas como é agora. Embora se possa caminhar pelas ruas, os edifícios foram danificados pelo tempo. Apenas a igreja e a escola estão intactas e abertas ao público, e aconselho-vos a entrar em ambas, a ver fotografias de como era a vila antigamente e outras exposições. Mas, por agora, 75 anos depois de ter sido requisitada, é com grande satisfação que declaro Tyneham oficialmente aberta.

Mais uma vez ao som das palmas, ele saiu do palco, e uma jovem, visivelmente radiante por fazer parte da solenidade, entregou-lhe uma enorme tesoura cerimonial. Ele pareceu ficar surpreso com o tamanho

do instrumento e disse alguma coisa à jovem que a fez desatar às gargalhadas e dar um piparote no cabelo. Ele cortou a fita, e esta esvoaçou até aterrar no chão.

Naquele momento, a multidão avançou, e os visitantes foram encaminhados por guias que envergavam coletes amarelos fluorescentes. Melissa observou a multidão a encaminhar-se para o portão, mas aguardou que o engarrafamento se dissipasse antes de entrar na confusão. Observou o homem famoso da televisão a conversar afavelmente com um punhado de visitantes. O historiador posou, muito à vontade, com várias pessoas para tirarem fotografias e assinou exemplares de livros, que Melissa presumiu terem sido escritos por ele. Guy sorriu o tempo todo, e Melissa pensou que devia ser cansativo ser uma celebridade: o sorriso constante e as exigências do público. Assim que um fã excessivamente dedicado se afastava de Guy Cameron, surgia logo outro. Melissa fitou-o uma última vez antes de passar por ele e entrar na vila esquecida, passando pelos portões.

Uma hora e meia depois, um carrinho de golfe passou por Melissa e curvou mais à frente, atravessando a praça degradada da vila. Melissa procurava na mala uma garrafa de água inexistente para travar a dor de cabeça que se estava a instalar. Ergueu os olhos para ver o historiador, cujo nome já havia esquecido, que seguia dentro do carrinho de golfe com um ar incrivelmente envergonhado por estar a ultrapassar os turistas. Acenou a alguns deles em sinal de reconhecimento e Melissa riu-se, pensando que mais valia ele ter assumido a personagem completamente e feito uma saudação real.

Melissa subiu a colina e parou para analisar o mapa. Estava agora morta de sede e afastava do pescoço algumas madeixas rebeldes que se haviam soltado do rabo de cavalo. Ali em cima, já só restava a Casa Tyneham, conhecida afetuosamente por Casa Grande, segundo informava o seu folheto. A nota no mesmo dizia simplesmente que aquele havia sido o lar da família Standish, que estivera na sua posse durante mais de trezentos anos, até que também eles, tal como os habitantes da vila,

viram o seu lar ser-lhes arrancado de debaixo dos pés. Foi-lhes dado um mês para saírem.

Quando toca a uns, toca a todos, pensou Melissa enquanto dobrava o mapa e o enfiava no bolso de trás. Caminhara muito e acabara por ficar cheia de calor enquanto visitava os edifícios da quinta e das casas em ruínas. Muitos dos edifícios decrepitos estavam escondidos no bosque que rodeava a vila, e toda a atmosfera estava a revelar-se deliciosamente assustadora. Enxugando a testa com a parte de trás da mão, repreendeu-se por se ter esquecido de levar água quando se enfiara de improviso no carro para passar o dia fora. Tinha a boca estupidamente seca, mas não havia nenhum café nem nenhuma loja de lembranças onde pudesse comprar alguma coisa para beber. Melissa não podia acreditar nessa grande falha, tendo em conta a quantidade de visitantes que ali se encontravam. Desta forma, não conseguiriam ganhar dinheiro. Aceitou que teria de deixar a igreja e a escola para outro dia e ficar por ali, assim que tivesse dado uma vista de olhos à casa senhorial.

Melissa passou por dois turistas quando estava prestes a chegar ao final da avenida arborizada que levava à casa e sorriu-lhes educadamente, invejando as suas garrafas de água. Não estava mais ninguém ali em cima, e sentiu-se grata pela paz e tranquilidade. Estava pronta para mergulhar na atmosfera, sem perturbações.

Tal como acontecia com a maioria das outras casas da vila, um letrinho de exposição permanente fora colocado à porta da Casa Tyneham. Continha uma história resumida da casa e da proveniência dos tijolos que haviam sido usados para a construir, que Melissa ignorou.

Havia muito poucos pormenores sobre qualquer dos residentes anteriores, o que lhe pareceu estranho. Mas havia uma fotografia dos últimos donos, Sir Albert e Veronica Standish. Pelo menos era o que dizia a legenda da fotografia. Não havia mais nenhuma informação sobre eles a não ser o facto de terem sido os últimos moradores da casa, e com a imagem impressa grosseiramente naquela estranha placa de plástico, eles podiam ter sido qualquer pessoa.

Melissa aproximou-se para ver melhor. O casal na pequena fotografia a preto-e-branco parecia perfeitamente banal. Porém, apesar do calor,

Melissa estremeceu. A mãe ter-lhe-ia dito que alguém tinha passado por cima da sua campa. Melissa não tinha a certeza se acreditava nesse tipo de coisas.

Afastou o pensamento e atravessou a ampla entrada de tijolos vermelhos no acesso frontal. Conseguia ver buracos nas paredes de tijolo em ambos os lados, onde portões de ferro forjado teriam outrora sido fixados, mas haviam sido removidos há muito tempo. Pousou a mão na parede de tijolo quente para se apoiar por alguns minutos enquanto o sol incidia na sua cabeça. Como o calor estava a deixá-la enjoada, abanou-se com o folheto por alguns segundos antes de prosseguir. Normalmente, não era assim tão fraca. Deter-se-ia apenas alguns minutos a olhar pelas janelas da casa se não estivessem tapadas com placas, e depois ir-se-ia embora.

Porém, quando se soltou da parede e se encaminhou para o grande edifício de tijolo claro da era isabelina que se encontrava à sua frente, a sua visão entorpeceu-se e o estômago revirou-se. Melissa estendeu a mão para se apoiar novamente na parede, mas já se afastara muito dela, e os dedos tentaram agarrar-se, mas só encontraram o ar. Ela começou a cair para a frente, as pernas cederam e o chão apressou-se a encontrá-la. Enquanto os seus olhos se fechavam, Melissa estava apenas vagamente consciente de que um forte par de braços a havia agarrado, amparando a sua queda.

Capítulo 2

Melissa abriu os olhos lentamente e olhou para o rosto de um homem.

— Está tudo bem?

Era o historiador. Estava agachado sobre ela; o seu rosto espelhava preocupação, misturada com uma pitada de pânico. Ele era muito atraente visto ao perto, mas depois Melissa interrogou-se por que motivo estaria ele tão próximo dela. E por que razão estava ela no chão?

— Está tudo bem? — repetiu ele. — Eu estava ali ao fundo e vi-a a cair. — O homem apontou para a avenida que se estendia sobre a cabeça de Melissa. — Não me lembro da última vez que tive de correr tão depressa.

Melissa anuiu com a cabeça.

— Eu estou bem — disse, movida pela boa e velha educação britânica, embora fosse evidente que não estava nada bem. A cabeça ainda lhe doía e a sua sede tremenda não tinha diminuído. E ainda estava estendida no chão.

O historiador semicerrou os olhos.

— Hum. Pelo menos fique aí quieta durante alguns minutos — disse ele. — Acabou de desmaiar. Deve haver aqui um socorrista que lhe possa dar uma vista de olhos rápida.

Melissa sentou-se lentamente, ignorando os protestos do homem.

— Quanto tempo estive apagada?

— Não muito. Cerca de 30 segundos, mais ou menos.

— Oh. — Melissa tossiu secamente.

— Tome, beba isto. — Ele ofereceu-lhe a sua garrafa de água gelada, Melissa deu um gole e depois devolveu-a. O homem abanou a cabeça.
— Fique com ela.

Melissa pousou-a no chão, mas a garrafa tombou para o lado e ficou encostada a um pedaço de tecido.

— O que é isto? — perguntou.

— A minha camisola. Coloquei-a debaixo da sua cabeça quando a deitei.

— Apanhou-me? — Ela olhou-o nos olhos. Eram de um tom de azul assombroso a que a fotografia do folheto não fazia justiça.

Ele anuiu com a cabeça.

— Quando percebi que estava a perder o equilíbrio, corri tão depressa que quase a abalroei.

Melissa reparou nos óculos de sol a poucos metros de distância. Ficou muito satisfeita por não se terem partido. Deviam ter saltado do seu rosto quando desmaiou.

Ele seguiu a direção do olhar dela; ergueu-se e apanhou-os; depois, devolveu-lhos antes de olhar para o telemóvel.

— Não há rede aqui. Não há antenas nenhuma em vários quilómetros aqui à volta; a vila nunca precisou delas. Por isso, não consigo pedir ajuda. Creio que vai ter de me aturar até se sentir suficientemente bem para caminhar.

— Já me sinto bem — disse ela, sem estar completamente a mentir.
— Acho que estava apenas um pouco desidratada.

Melissa olhou em redor, na esperança de que o carrinho de golfe pudesse regressar para junto da celebridade de modo que ela pudesse pedir boleia, mas não disse nada.

Guy sentou-se ao lado dela e examinou-a com cuidado.

— Está bem. Mas vamos ficar aqui algum tempo antes de nos pormos a andar. Descanse um bocado.

Melissa anuiu com a cabeça e pegou novamente na água para beber outro gole.

— Assim já me sinto muito melhor — disse, enroscando a tampa novamente. Olhou bem para a casa e sentiu uma tristeza estranha.

— Interessa-se por este tipo de história? — perguntou Guy, acenando com a cabeça para a casa.

— Normalmente, não — admitiu Melissa e depois sentiu-se mal por ter admitido uma coisa dessas em frente a um historiador. — Mas estava curiosa sobre isto e não tinha nada para fazer hoje. Parece que vim parar acidentalmente a umas férias onde só se faz surf, mas eu odeio fazer surf, por isso tenho encontrado outras formas de ocupar os meus dias. Nunca tinha estado em Dorset sequer. Não fazia ideia da história de Tyneham.

— Imagino que agora esteja arrependida de ter vindo — comentou o historiador.

Ela virou-se para o encarar.

— Porque diz isso?

— Bem, para começar, porque desmaiou. E está com um ar muito triste. Embora isso possa ser por ter desmaiado.

— Acho impossível uma pessoa não se sentir triste aqui. Tem um ar tão... abandonado — disse ela. — Embora esta casa se tenha aguentado melhor do que as outras. Para começar, ainda tem um telhado.

— É um edifício muito bonito. — Guy apontou para o último piso. — A minha avó trabalhou aqui como criada, até à requisição.

Melissa reagiu emitindo um ruído apropriado e olhou para os aposentos da criadagem no segundo piso. Era o único piso que não tinha as janelas tapadas. Todas as janelas do primeiro piso e do rés do chão tinham placas de metal onde se podia ler «Perigo. Não entrar». A porta de entrada de madeira escura trabalhada ainda estava no seu devido lugar e parecia ser a original, além de pouco convidativa. Tudo transmitia um ar deprimente e frio, mesmo sob o calor do sol de verão. Mas Melissa tinha a certeza de que, nos seus momentos áureos, esta casa teria sido completamente diferente.

— Não sei se a minha avó gostou muito do tempo que aqui passou — comentou o historiador. — Tenho de lhe perguntar se ela vivia na casa — ele ergueu o olhar para as janelas do segundo piso — ou se ia e vinha da vila todos os dias. — Regressou do seu devaneio. — Como é que se sente agora? — perguntou.

— Melhor, obrigada. — Melissa interrogou-se se Liam teria regressado do surf e se estaria preocupado sem saber onde ela estava. Não, claro que não. Porém, sem rede, não podia telefonar-lhe a dizer que iria chegar atrasada. Na verdade, ela nem sequer lhe tinha dito onde iria passar o dia.

Ela soergueu-se devagar e depois debruçou-se para apanhar a camisola do historiador. Entregou-lha e ele agradeceu, colocando-a sobre os ombros e atando as mangas soltas em redor do pescoço.

— Eu acompanho-a no regresso — disse ele.

Ainda a sentir-se entorpecida, Melissa não discutiu.

— Peço desculpa, mas esqueci-me completamente do seu nome.

Ele sorriu e apresentou-se, estendendo a mão.

— Obrigada por ter tratado de mim, Guy.

Melissa apertou-lhe a mão e depois apresentou-se antes de prosseguir a marcha ao lado dele.

— Prazer em conhecê-la, Melissa. — Guy riu-se. — Foi uma das formas mais interessantes de conhecer uma pessoa.

A igreja surgiu à frente deles.

— Tenho a certeza de que consigo continuar sozinha a partir daqui. — Melissa apontou para o parque de estacionamento.

— Oh. — Guy parecia desapontado. Não vem à igreja? Há lá imensas fotografias fantásticas que mostram como isto era antes. E vai haver uma palestra, que, desta vez, não será dada por mim. Talvez gostasse de a ouvir.

Melissa riu-se e olhou para a velha igreja de pedra.

— Talvez noutro dia. É melhor eu voltar.

Um dos guias apareceu junto ao muro de pedra que separava o pátio da igreja da estrada.

— Desculpe, Sr. Cameron. Vamos começar a palestra agora, se quiser juntar-se a nós. Estávamos à sua espera.

— Não vou ter de falar, pois não? — perguntou o historiador, com um ar preocupado.

— Não, não. Mas não queríamos que a perdesse.

— É muito simpático da vossa parte. Já vou aí ter.

O guia voltou para a igreja, e Guy virou-se para fitar Melissa.

— Então, adeus — disse Melissa, com um ligeiro aceno enquanto se dirigia para o parque de estacionamento. — Desejo-lhe uma boa palestra.

Guy anuiu com a cabeça.

— Então, adeus. Tenha cuidado consigo, Melissa.

Seguindo no carro até à casa de Liam, Melissa olhou para o relógio. Passara a maior parte do dia em Tyneham, quando tencionara fazer apenas uma visita curta. Estava cansada e com fome.

Melissa abriu a porta de casa à espera de ouvir algo como «Onde raio estiveste?», mas Liam estava deitado no sofá. Um canal desportivo transmitia uma qualquer competição de surf num lugar quente e ensolarado. Ele estava a mexer no telemóvel e nem sequer ergueu o olhar quando Melissa entrou.

— Olá — disse ela da porta.

— Tudo bem? — murmurou Liam, continuando a escrever no telemóvel.

— Sim. O teu dia foi bom? — perguntou Melissa, mas Liam não respondeu. O teclado no telemóvel não cessou.

Ela dirigiu-se à cozinha, onde bebeu dois copos de água da torneira. Sentindo-se finalmente melhor, fitou o namorado, que ainda nem tinha olhado para ela, e questionou-se porque é que se dera ao trabalho de regressar cedo. Pegou num iogurte e numa colher da cozinha.

Teriam caído na rotina? Como é que aquilo acontecera tão depressa? É verdade que eles não namoravam assim há tanto tempo, mas, ao fim de oito meses, este era o relacionamento mais longo que Melissa tivera até àquele momento. Este era um facto do qual ela não se sentia propriamente orgulhosa, já que tinha 28 anos e achava que, provavelmente, já deveria ter percebido há muito tempo o que se deve fazer para manter um relacionamento. Porém, nesta fase relativamente precoce, não deveriam as coisas ser um pouco mais excitantes? Ela não fazia ideia do que estava a fazer. Questionou-se se estaria a estragar tudo, mantendo-se tranquila, sem levantar ondas, mas sabia perfeitamente, depois de ter

assistido ao colapso do casamento dos pais, que os homens não gostavam de mulheres que estavam sempre a chatear. A mãe dela descobrira isso da pior forma, na sequência de discussões intermináveis. Mas talvez Melissa tivesse ido demasiado longe na outra direção. Quando ela e Liam se conheceram, tinha sido ótimo, ou, pelo menos, assim tinha pensado. Conheceram-se num daqueles bares horríveis em Canary Wharf onde os empregados dos bancos vão beber garrafas de champagne que custam 160 libras. Ela não estava habituada a fazer esse tipo de extravagâncias com o seu mísero salário de assistente administrativa. Só lá tinha ido uma vez depois do trabalho para celebrar o aniversário de um amigo. Talvez ele tivesse sido areia a mais para a camioneta dela desde o início.

Ainda considerou a hipótese de lhe contar que tinha desmaiado hoje. Mas de que é que isso lhe valeria? Conseguiria simplesmente obrigá-lo a olhar para cima, forçá-lo a prestar-lhe alguma atenção? Melissa arrepiou-se ao pensar nisso.

Tinha de haver outras formas para salvar uma relação, e apelar à pena não seria uma delas.

— Vamos jantar fora? — perguntou-lhe quando acabou o iogurte. Manteve a porta do frigorífico aberta para desfrutar do ar fresco.

— O quê? — Ele parecia incomodado — Ah, eu já comi.

Melissa foi apanhada de surpresa.

— A sério? — Fechou o frigorífico. — Pensei que íamos comer juntos.

— Não combinámos nada, pois não? — O teclar voltou à carga. Os olhos de Melissa arregalaram-se e ela fitou a nuca de Liam.

— Não — disse Melissa devagar. — Suponho que não. — Cruzou os braços, tentando não criar uma discussão. — O que é que jantaste?

— Bolinhos de caranguejo, aquelas batatas fritas fininhas espetaculares e bolo com cobertura de caramelo. E uma garrafa fantástica de *Sauvignon*.

— Uau! Onde é que arranjaste isso tudo?

— No *The Pheasant and Gun*.

— Oh. — Liam tinha ido jantar à pousada toda fina a poucos quilómetros de distância, que Melissa queria visitar desde que passaram por

ela no início das férias. — Não era suposto irmos lá juntos? — perguntou de modo incisivo.

Liam finalmente pousou o telemóvel e virou-se para ela.

— Estava com fome. — Encolheu os ombros. — Ainda podemos lá ir noutro dia. Temos muito tempo antes de a vida real nos acenar e regressarmos a Londres. — Pegou no telemóvel outra vez, indicando o fim da sua participação na conversa.

Melissa abanou a cabeça. Inacreditável. Estava demasiado lívida para falar. Quando lhe pareceu óbvio que Liam não iria voltar a olhar para ela e continuar a conversa, avançou decididamente até à mesa onde tinha deixado as chaves do carro, pegou nelas e saiu, batendo com a porta da rua. Precisava de algum tempo para pensar.

O estômago dela roncou. Consumida pela irritação, decidiu que, pela primeira vez na vida, iria jantar sozinha num restaurante fino.

Na viagem até ao The Pheasant and Gun, tentou compreender Liam. Quem é que vai a um *pub gourmet* sozinho, num sábado à noite, quando está de férias com a namorada? Isso cabe na cabeça de alguém? Era como se ela não existisse. Como se ela não estivesse efetivamente a passar férias com ele. Liam parecia não se importar com o que ela fazia durante o dia ou se eles sequer passavam algum tempo juntos. Estas estavam a tornar-se as piores férias de sempre, mas, quando esse pensamento lhe veio à ideia, lembrou-se das duas semanas que passara em Magaluf com os pais quando tinha 18 anos. Talvez esta semana em Dorset alcançasse um segundo lugar a curta distância do primeiro.

Quando entrou no parque de estacionamento do The Pheasant and Gun, Melissa começava a questionar a sua decisão impulsiva. Estava nervosa. Além de uma sanduíche rápida num café, Melissa nunca comera fora sozinha. Vendo o seu reflexo no espelho retrovisor, tirou a bolsa da maquiagem e tratou de ficar com um aspeto mais apresentável.

Atravessando o parque de estacionamento de cascalho, tirou apressadamente a fita do longo cabelo castanho e deixou-o cair sobre os ombros, ajeitando-o só porque sim. Nunca tinha entrado num estabelecimento

e pedido uma mesa para uma pessoa. Talvez pudesse comer discretamente no bar. Quem lhe dera ter trazido uma das revistas cor-de-rosa que comprara para ter alguma coisa para ler.

Assim que abriu a porta da pousada e avançou, arrependeu-se da sua decisão de jantar sozinha. O bar estava cheio de pessoas a beber, e todas as mesas estavam ocupadas. Qual era a ideia dela? Devia ter ido algures comer *fish and chips*.

— Em que posso ajudar? — perguntou a senhora atrás do balcão das reservas.

— Tem mesa para um? — perguntou Melissa pouco segura.

— Tem reserva? — A mulher observou o conjunto de calças de ganga e t-shirt de Melissa com um olhar de desdém.

Melissa sentiu vontade de se enfiar num buraco.

— Não, lamento. — Oh, o que fazia ela aqui?

Enquanto a senhora olhava detidamente para a agenda e tentava encontrar uma vaga, Melissa olhou em redor, algo embaraçada, preparando-se mentalmente para se ir embora. Enquanto fazia isso, cruzou o olhar com um homem sentado numa das mesas junto à janela. Ia continuar a perscrutar a sala, quando olhou uma segunda vez e percebeu que era o historiador da televisão.

Guy cumprimentou-a com um aceno de cabeça e olhou para ela como quem pergunta: «Mas o que é que está aqui a fazer?»

— Não temos nada disponível até às nove e meia — disse a mulher implacável por trás do balcão.

Melissa olhou para o relógio. Ainda faltava muito tempo.

— Está bem, não faz mal.

Virou-se para sair, encolheu os ombros, despediu-se silenciosamente de Guy e acenou-lhe.

Ele abanou a cabeça e disse também sem produzir qualquer som: «Não, venha cá.»

Melissa parou, confusa, e olhou para ele com uma expressão de estranheza.

Ele levantou-se e disse em voz alta:

— Sim, venha cá.

Melissa viu-o a encolher-se notoriamente quando se apercebeu de que estava a chamar a atenção sobre si mesmo.

Ela aproximou-se da mesa dele, sentindo-se igualmente constrangida.

— Olá — disse ele, ainda de pé.

— Olá — respondeu Melissa, enfiando uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

Guy olhou para trás dela.

— Está sozinha?

— Sim, mas eles não têm mesa disponível. Vai demorar séculos até terem uma, por isso acho que vou a um takeaway.

— Bem, eu tenho aqui um lugar vago e ainda não fiz o pedido — disse ele, olhando para a cadeira de madeira escura em frente à sua.

— Oh, não lhe posso fazer uma coisa dessas — retorquiu Melissa. *Isso seria demasiado estranho.* Enfiou o cabelo atrás da orelha outra vez, questionando-se por que raio o teria soltado. Detestava a forma como o cabelo lhe caía para o rosto. Estava sempre a meter-se no caminho, e ela só queria poder voltar a fazer um rabo de cavalo.

— Janta comigo? Qual é a pior coisa que pode acontecer? — perguntou ele. — Come uma refeição que não será nada má enquanto morre de tédio com o paleio histórico?

Melissa riu-se, mas não conseguiu pensar numa desculpa válida. Além disso, estava com muita fome.

— Está bem. Obrigada — disse sem pensar bem no assunto.

Sentaram-se ambos, e uma empregada de mesa apareceu instantaneamente. Adulou Guy enquanto lhe apresentava as opções de bebidas e entregou uma ementa a Melissa. A empregada não tirou os olhos de Guy, mesmo quando perguntou o que Melissa queria. Melissa pediu água e Guy pediu um copo de *Sauvignon*.

— Também bebe? — perguntou Guy.

— Porque não? — disse ela, e depois acrescentou: — Vou conduzir, por isso só posso beber um. Só naquela altura é que se apercebeu de que Liam lhe dissera que tinha bebido uma garrafa de *Sauvignon* ao jantar. Quem é que pede uma garrafa de vinho inteira só para si? Por que razão não lhe ocorreu perguntar a Liam se ele tinha jantado sozinho ou se

tinha estado com alguém? E se conduzira ele próprio o pequeno carro que mantinha sempre em Dorset ou se alguém o levara até casa?

Que disparate. Estava a ser tonta. Ele não dissera que tinha jantado com ninguém. E era perfeitamente possível beber uma garrafa inteira sozinho. Ela já o fizera; mais vezes do que gostaria de admitir. Mas depois uma pessoa leva o carro para casa? Nem pensar.

— Presumo que se sinta melhor agora. — Guy interrompeu os pensamentos dela.

Melissa anuiu com a cabeça.

— Obrigada por me ter ajudado a descer a colina. Como correu a palestra?

Foram novamente interrompidos pela empregada de mesa, que voltou para lhes entregar as bebidas e tomar nota do pedido de ambos. Sem tempo para ver as opções, Melissa pediu por impulso o que Liam dissera que tinha comido.

— Bolinhos de caranguejo e batatas fritas finas, por favor.

— Que rapidez! — murmurou Guy. Nem sequer olhou para a ementa. — Ele leu rapidamente a dele e pediu um bife.

Quando a empregada de mesa desapareceu, Guy continuou.

— Na verdade, a palestra até foi muito boa. Fascinante. Mesmo para alguém como eu, que pensa que já ouviu de tudo.

Melissa estudou-o enquanto ele falava. O cabelo castanho de Guy caía-lhe sobre os olhos, e ele empurrava-o para trás a cada poucos segundos. Melissa achava-o bonito, com um ar de betinho.

— Mas não consegui visitar a escola — disse ele. — Não planeei tempo suficiente. Acho que vou lá voltar amanhã, só para satisfazer a minha curiosidade. O que achou da escola? Parece que ainda há trabalhos das crianças pendurados nas paredes, cadernos e cabides com os nomes delas. Acho que é um cenário bastante comovente.

— Para ser sincera, também não consegui ver. Estava com pressa para voltar para... — Melissa interrompeu-se. Por que motivo tinha ela andado a correr para voltar para Liam? Ele não se incomodara minimamente com a ausência dela. Ocorreu-lhe naquele instante que ele nem sequer lhe perguntara onde tinha estado o dia todo.

Guy esperou que Melissa terminasse a frase e, como ela não o fez, perguntou:

— Quer vir comigo amanhã? As fotografias que há na igreja também são maravilhosas. Verdadeiramente surpreendentes. Devia vê-las antes de acabar as suas férias.

O que estaria ela a fazer amanhã? À espera de que Liam a agradecesse com a sua presença depois de surfar? E, de facto, ela queria ver melhor a vila.

— Olhe, sim, quero — disse Melissa. — Se não se importar que eu me cole a si.

Guy ficou radiante.

— Seria um prazer.

Melissa olhou para ele e interrogou-se como teria chegado àquela situação. Estava sentada a jantar com uma pequena celebridade, embora nunca tivesse ouvido falar do senhor, que, aliás, ela só conhecera há algumas horas, e estava a combinar encontrar-se com ele novamente amanhã.

Melissa sentiu uma pontada de culpa por causa de Liam e depois tentou anulá-la imediatamente. Liam estava a fazê-la sentir-se... a fazê-la sentir-se um caco, para ser sincera, e Guy Cameron estava a fazê-la sentir-se muito à vontade. Eles só iam ver algumas fotografias. Não se podia dizer que aquilo fosse um encontro.

Eles jantaram e conversaram. Guy revelou que vivia nos arredores de Londres, num local onde a cidade já era quase campo, e ela confessou que vivia numa parte muito pouco interessante da cidade, onde Londres já era praticamente Essex.

— E o que faz quando não está de férias em Dorset? — perguntou ele enquanto esperavam pela sobremesa.

— Neste momento, encontro-me entre empregos — disse Melissa, tentando não parecer muito envergonhada. Não lhe agradava muito dizer-lhe que se tinha despedido num ataque de loucura idealista e que agora estava a desempenhar funções temporárias.

— Oh, a sério? — Ele estava claramente à espera de mais.

— Apenas trabalho de escritório. Na verdade, sou administrativa. Nada de muito entusiasmante. Como é que se transformou num

apresentador televisivo? — perguntou Melissa, tentando rapidamente levar a conversa adiante. Não conseguia admitir àquele homem incrivelmente bem-sucedido e bonito o fracasso que ela era.

A empregada de mesa trouxe-lhes a sobremesa. Tinham decidido partilhar um dos famosos *soufflés* do restaurante. Guy não era grande fã de doces, mas estava satisfeito por fazer a refeição durar um pouco mais. Estava a gostar da companhia de Melissa. Há muito tempo que não saía com uma mulher.

— Na verdade, não sei. Acho que foi mais ou menos sem querer. Alguém sugeriu que eu seria bom a fazer uma rubrica de rádio e seguiu-se tudo em catadupa a partir daí.

— Tenho de confessar que nunca vi nenhum dos seus programas — admitiu Melissa, enfiando a colher na sobremesa macia e fofa e evitando ostensivamente o contacto visual.

Guy sorriu.

— Bem, muito obrigado por ser sincera. — Estava tão acostumado a que as pessoas se aproximassem dele por estar sob as luzes da ribalta, acreditando que já o conheciam. Foi refrescante falar com Melissa. Ela não o cobriu de elogios.

— E até ter lido o seu nome no folheto hoje de manhã — continuou Melissa —, também nunca tinha ouvido falar de si. — Ele viu o *soufflé* da colher dela a entrar delicadamente na boca.

Ele começou a rir-se.

— Pode não acreditar, mas isso é música para os meus ouvidos.

— A sério? — perguntou ela. — Por acaso, já me tinha interrogado se seria cansativo ser uma celebridade. — Guy esboçou um esgar quando ouviu a palavra «celebridade» e Melissa continuou. — Se teria de estar sempre alerta para o caso de ser fotografado; se podia ir beber um copo a um bar sem alguém ir a correr contar ao *Daily Mail*?

— Ah, ninguém se importa com alguém no fim da lista como eu — disse ele. — Eu sou fotografado muitas vezes por adoráveis senhoras de meia-idade que só querem uma bonita fotografia para mostrar aos

amigos. E sou demasiado certinho para que alguma coisa que faça acabe nas capas dos pasquins — comentou ele, piscando um olho.

— Que pena. — Melissa esboçou um sorriso traquina. Olharam um para o outro durante alguns segundos antes de ela se virar para fazer sinal à empregada de mesa para trazer a conta. — Eu tenho de ir andando.

— Fica por minha conta — disse Guy. — Eu insisto.

— Tem a certeza?

Ele anuiu, tirando a carteira.

Melissa guardou a carteira com uma expressão relutante.

— Está bem — disse lentamente. — Mas então tem de me deixar pagar o almoço amanhã. Mesmo que seja só uma sanduíche embrulhada em celofane numa estação de serviço depois da nossa visita a Tyneham.

— Está combinado.

Melissa levantou-se para se ir embora e Guy dispôs-se a selar o acordo com um aperto de mão.

Ela apertou a mão dele com um sorriso.

— Então, às 11 horas está bem para si? Na entrada principal?

— Encontramo-nos lá — disse ele.

Melissa virou-se e, junto à porta, olhou para ele de relance. Ele acenou-lhe para se despedir e depois sentou-se e estremeceu quando ela já estava fora do seu campo de visão, empurrando o resto da sobremesa. Quem é que dá um aperto de mão depois de um jantar tão agradável como este?

Ele olhou em redor. Algumas pessoas reconheceram-no e sorriram quando os olhares se cruzaram. Ele acenou com a cabeça para os cumprimentar educadamente. Uma senhora estava a tirar-lhe uma fotografia sorrateira com o telemóvel. Enfim, não ter dado um beijo amigável na face de Melissa talvez tivesse sido melhor para ele.

Melissa permaneceu ao lado do balcão das reservas durante alguns segundos à procura das chaves do carro dentro da mala. A guardiã da agenda das reservas estava afastada, a impor o seu poder sobre outra pessoa qualquer, pelo que Melissa fez uma coisa da qual sabia que se iria

arrependeu. Pegou na agenda e perscrutou a lista de nomes. Demorou poucos segundos a encontrar aquilo de que estava à procura e voltou a pôr a agenda no sítio antes de sair do restaurante.

Enquanto se encaminhava para o carro, sentiu frio, mas não foi por causa da temperatura. O nome de Liam estava na agenda junto a uma reserva. Mesa para dois.

Duas mulheres. Uma fotografia misteriosa. Um segredo guardado durante décadas.

1943: O mundo está em guerra e os habitantes de Tyneham vão ter de fazer mais um sacrifício: abandonar as suas casas quando a vila é requisitada pelo Exército Britânico. Veronica e Albert Standish preparam-se para a mudança, mas, na véspera da partida, um acontecimento terrível mudará para sempre as suas vidas.

2018: Melissa tinha a esperança de que uns dias de descanso com Liam na costa de Dorset pudessem reacender a chama da sua paixão. Contudo, apesar do cenário idílico, as férias levam ao limite a sua relação já estagnada.

Ao encontrar a enigmática fotografia de uma mulher que em tempos viveu na esquecida vila de Tyneham, Melissa sente-se impelida a descobrir mais sobre a sua história. Porém, Tyneham esconde um segredo inesperado, e a demanda de Melissa pela verdade acabará por mudar a sua vida de um modo que ela nunca imaginou possível.

«Rica em mistério e paixão, a história de *A Vila Esquecida* prendeu-nos desde a primeira página. Uma pesquisa brilhante, com uma excelente execução. Adorámos!»

Júri da Romantic Novelists' Association

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-668-967-4



9 789896 689674

Romance Histórico